

JUVENTUDE NEGRA: REEXISTÊNCIA AO SUICÍDIO NA ESCOLA

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes¹
Orientadora do trabalho²

RESUMO

A violência racista causa efeitos perversos na vida da juventude negra no Brasil, essa realidade complexa vem gerando o aumento da taxa de suicídio da juventude negra (MS 2018). Nessa configuração, a escola se apresenta como lugar estratégico no exercício de fortalecimento da construção psíquica, afetiva e emocional da juventude negra frente ao suicídio. Assim, este artigo objetiva discutir e apresentar o protagonismo e as estratégias de reexistência ao suicídio da juventude negra, no Colégio Estadual Polivalente em São Sebastião do Passé no estado da Bahia. A metodologia utilizada nesse estudo é de natureza qualitativa. A fundamentação teórica está atrelada ao campo das Ciências Humanas, com o recorte para o campo das relações étnico-raciais, levando-se em conta estudos de Moore (2007), Fanon (1980), Ferreira (2000), Almeida (2018), Gomes (2008), Hall (2001), Bento (2014), Souza (2018), Mbembe (2019). Sobre suicídio os autores/as; Goulart (1972), Botega (2015), Oliveira (2008), e outros. Os resultados dessa pesquisa assinalam que os jovens negros vêm apresentando as suas narrativas, experiências e vivências sobre racismo e suicídio no espaço escolar por caminhos de reexistência. Além disso, esses promovem debates institucionais. O tema suicídio da juventude negra no Brasil, em especial no interior da Bahia, ainda é pouco discutida e analisada em sua íntegra no campo científico e nos meios de comunicação. Logo, os documentos analisados assinalam que os casos e tentativas de suicídio entre alunos e alunas negras estudantes de escola pública no interior da Bahia estão aumentando a cada ano.

Palavras chave: Racismo, Suicídio, Juventude Negra, Escola, Reexistência.

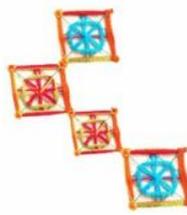
INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade observar e refletir o ambiente escolar³ como lugar estratégico de formação, discussões políticas na esfera das relações étnico-raciais e ações afirmativas reverbera por caminhos delineadores de debates e valorização dos processos históricos da população negra como forma de luta contra a violência de morte. A comunidade escolar torna-se um ambiente favorável de encontro e diálogos de fortalecimento da estrutura emocional, afetiva e psíquico da juventude negra. diante da problemática que envolve o racismo e suas consequências no aumento da taxa de suicídio. Ferreira (2000, p. 51) aponta que “o racismo se posiciona “como a prática discriminatória institucionalizada(...)com uma prática de desvalorização da identidade”.

¹ Psicóloga, Mestranda em Critica Cultural-Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

² Professora Dr^a Maria Anória de Jesus Oliveira Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

³ O ambiente escolar é definido nesta pesquisa como espaço contextualizado com tudo o que ocorre no contexto da escola, agregado a comunidade escolar.



Nessa perspectiva, esse estudo tem como objetivo identificar e discutir a respeito do protagonismo dos jovens negros, como estratégias de reexistência ao suicídio no cotidiano do Colégio Estadual Polivalente em São Sebastião do Passé - Bahia. A taxa de suicídio dos jovens negros no contexto atual do Brasil vem crescendo a cada dia, segundo dados do Ministério da Saúde (2018). O suicídio é caracterizado como um “ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, usando um meio que acredita ser letal” (M.S-OMS, 2006, p.6). Para Botega o suicídio é tão abrangente que possibilita conceber o comportamento suicida ao longo de um *continuum*: com base em pensamentos de autodestruição, passando por ameaças, gestos, tentativas de suicídio e finalmente o suicídio (BOTEGA, 2015, p.431). Perpassar pela leitura dessa realidade trágica é refletir a respeito das consequências do racismo estrutural e institucional que atravessa o mundo político, econômico e sociocultural da população negra.

As principais consequências do racismo na vida da pessoa negra podem ser; sofrimento psíquico decorrente de violência traumática causada por uma sociedade racista; adoecimentos emocionais, que afetam a construção da identidade e subjetividade. É importante ressaltar, que o racismo é um dos principais produtores da desigualdade socioeconômica e racial produzindo humilhação social e sofrimento psíquico, e assim, gera consequências somáticas; depressão, ansiedade, entre outros. (OLIVEIRA, 2008).

Em decorrência dessa realidade, explorar o ambiente escolar sobre a luz de ressignificação dos efeitos da violência racista diante das relações sociais é uma forma de combate ao suicídio da juventude negra. É comum nos depararmos e assistirmos situações cotidianas de violência racista envolvendo jovens negros nos meios de comunicação e nas redes sociais. As flagelações dos grupos marginalizados na sociedade capitalista é um fenômeno que cresce a cada dia. No contexto atual é importante construir novas formas de reverberar caminhos e estratégias de luta contra os efeitos da violência simbólica e física formada pelo racismo, e disseminada na sociedade é gerar processos de descolonização da imagem inferiorizada e marginalizada do povo negro.

Nessa conjuntura, o desenvolvimento de trabalhos e projetos pedagógicos envolvendo a temática das relações étnicos-raciais no ambiente escolar são dispositivos que fomentam ações antirracistas e debates críticos para o fortalecimento da desconstrução da história e da cultura do povo negro contada pelo colonizador. Segundo Hall (2003, p.257), “naturalmente a luta



cultural assume diversas formas: incorporação, distorção, resistência, negociação, recuperação”.

Olhar a escola como lugar de desconstruir os modelos de signos, linguagens e comportamentos cristalizados pelas representações da cultura global hegemônica, como meio de disciplinar e manipular os grupos marginalizados é uma função importante para combater a violência racista e as elevadas taxas de suicídio da juventude negra no Brasil. Essa pesquisa tem importância também por assinalar na atualidade as formas de luta contra os efeitos do racismo no espaço escolar. Justifica-se, também, por assinalar os debates institucionais contemporâneos, que norteiam o campo de discussão a respeito da articulação sobre o campo discursivo e produtor da cultura popular como arma de transformação no contexto escolar.

PERCURSO METODOLÓGICO

O desenvolvimento metodológico deste trabalho conta com uso da pesquisa qualitativa, com método narrativo e análise do discurso a partir de estudo de caso. O projeto ainda se encontra em fase de desenvolvimento. De acordo com Marconi e Lakatos (2010) a abordagem qualitativa busca interpretar e entender o fenômeno conforme a perspectiva dos participantes da situação analisada, descrevendo a complexidade do comportamento humano conforme o andamento das investigações.

As etapas em construção desta pesquisa ainda em processo de desenvolvimento são: visitas ao Colégio Estadual Polivalente para aplicação de questionários; observação da dinâmica dos alunos (as) no ambiente escolar, frente as relações sociais e afetivas em momentos distintos, ao longo do dia; e análise de alguns materiais pedagógicos coletados a respeito de projetos na área cultural e sobre questão de saúde mental. Para o levantamento da revisão bibliográfica utilizou-se agrupamento de artigos periódicos, livros, capítulos de livros, monografias. As bases eletrônicas utilizadas foram: O Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google acadêmico, e a Capes. O loco exploratório dessa pesquisa é o Colégio Estadual, Monsenhor Luiz Ferreira de Brito no município de São Sebastião do Passé - Bahia, localizado no centro da cidade, o município faz parte da região metropolitana de Salvador. O colégio é caracterizado como de grande porte, com um total aproximadamente de 800 alunos, funcionando nos turnos: matutino, vespertino e noturno. Os jovens selecionados para participarem desta pesquisa estudam no turno matutino e vespertino, têm entre 15 a 19 anos.



A VIOLÊNCIA RACISTA NA ESCOLA

A escola tem um papel protagonista na busca de valorização dos processos históricos e culturais. O exercício de fomentar discussões a respeito da violência racista e do suicídio na comunidade escolar, no contexto atual apresenta-se como ponto estratégico de resistência contra o dispositivo de dominação do sistema capitalista global. Esse sistema capitalista perverso e separatista se desdobra de diversas formas na dinâmica escolar dos alunos e das alunas negras, e, assim produz fragmentação e agenciamentos em suas formas de olhar, entender, sentir e interpretar o mundo numa esfera individual e coletiva.

Para Almeida (2018, p. 25), o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, manifestando-se por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios a depender ao grupo racial ao qual pertençam”. Conforme Ferreira (2000), o racismo como uma prática discriminatória institucionalizada é uma ação que segundo o autor gera a “desvalorização da identidade, opondo-se o direito de cada indivíduo”.

De acordo com Moore (2007), o desdobramento da violência se apresenta no contexto histórico e cultural de maneira camuflada e latente através do comportamento e das relações sociais das pessoas. Conforme Moore, (2017. P. 22) “o racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada no fenótipo antes de ser um fenômeno político e econômico pautada na biologia sempre foi uma realidade social e cultural pautada no fenótipo”. Nessa perspectiva, o racismo é um comportamento que se configura no imaginário social através do ódio, frente ao indivíduo que apresenta variação fenotípica como cor da pele, cabelo e outros sinais.

Dessa forma, re-construir e apreender meios para identificar e reconhecer as marcas dos signos hegemônicos expressos nos discursos, comportamentos e na linguagem dos alunos no contexto escolar é algo muito importante, no cenário atual, como meio de luta da macropolítica de morte do povo negro (MBEMBE, 2016). O movimento dos signos hegemônicos na escola, multiplicam a pobreza, as diferenças econômicas, sociais e culturais, além de fomentar o olhar segregado, diante da aparência física e dos traços corporais. Esses aspectos alimentam negativamente a formação das estruturas psíquicas, emocionais, psicológicas, psicossociais e afetivas dos estudantes negros(as), gerando fissuras na autoestima e autoconfiança.



A reprodução da história da humanidade contada e escrita pela cultura hegemônica está impregnada nos códigos dos signos que circulam no espaço escolar. Dessa forma, a luta diária dos (as) estudantes negros (as) é uma das formas de responder criticamente às estruturas de poder do sistema capitalista que tentam direcionar as suas escolhas, o modo de viver, pensar e agir, diante das atitudes racistas do preconceito racial. Fanon (2008) ressalta o papel da linguagem frente a posição de assumir uma cultura. A linguagem e o discurso são elementos representativos na escola que se revelam de diferentes formas na relação dos alunos (as), através das representações sociais em torno do ser negro na instituição escolar.

O ambiente escolar torna-se um lugar estratégico para fomentar nos alunos (as) negros (as) a buscarem desconstruir a imagem fabricada, gerenciada e implantada no meio social pelos grupos hegemônicos. Reexistir para se deslocar, para sair desse lugar menor em que o sistema capitalista busca esconder as potencialidades desse grupo é um ato de resistência. “Atualmente, compreendemos a luta e a resistência bem melhor do que a reforma e a transformação, contudo, as transformações situam-se no centro do estudo da cultura popular”, (HALL, 2003, p.248). Nessa perspectiva, os (as) jovens negros (as) utilizam o universo escolar como meio de construir caminho de estratégia de reexistência em combate aos elementos impostos na dinâmica do processo de formação da subjetividade e das identidades.

VIOLÊNCIA RACISTA: SUBJETIVIDADE E IDENTIDADES

As reflexões diante dos desafios da violência racista; física e simbólica na atualidade, configuram novos caminhos de posicionamentos perceptivos no campo de construção da subjetividade e identidades. Para Culler “O trabalho nos estudos culturais se harmoniza particularmente com o caráter problemático da identidade e pela maneira com as quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas” (CULLER, 1999, p. 51-52).

Oliveira (2008, p. 87) relata que a “identidade se constrói por meio de processo contrastivo, dialético ou dialógico, relacional e discursivo, em que nasce não das diferenças, mas da consciência sobre as diferenças”. Em consonância Hall (2006, p. 85) afirma ainda que “cada identidade é radicalmente insuficiente em termos de seus outros e que as identidades atuais são perpassadas pelos efeitos de fenômenos do pós-colonialismo”.

Falar sobre a construção da identidade racial da população negra é mergulhar nos acontecimentos e fatos da história de colonização e escravidão desse povo; narradas, traduzidas e cristalizadas pelos grupos hegemônicos, ou seja, os grupos que tentam deturpar, camuflar,



esconder e inferiorizar um conjunto de informações e dados, com o objetivo de explorar, excluir e dar continuidade a esse modelo de colonização escravista. Esse modelo de colonização escravista torna-se agente que contribui para formar a subjetividade e a identidade do indivíduo marginalizado. Assim, a formação da identidade e da subjetividade do indivíduo é subposta às dimensões atravessadas pela esfera política, social, cultural e histórica.

Pensar a presença dos mecanismos de manipulação da construção da subjetividade e identidades dos jovens negros no espaço escolar reverbera por uma realidade, que assinala as representações dos signos, códigos, discursos, e comportamentos compactos por uma rede de conexões, que flutuam e se conectam através da linguagem, em toda a comunidade escolar. Segundo os estudos de Guattari e Rolnik (1986) a construção da subjetividade do sujeito tem se apresentado dentro de uma lógica de natureza industrial, essencialmente fabricada, modelada, recebida e consumida.

Refletir sobre as formas como o agenciamento se movimenta nas relações dentro da escola, como ele se desloca nos discursos de professores, gestores e da comunidade escolar, possibilita apresentar possíveis formas de expressão e movimento, de como a violência física (WAISELFISZ, 2016), a violência racista e de morte atravessam e se articula na escola. Sendo assim, torna-se visível os efeitos perversos desse agenciamento no olhar de (GUATTARI E ROLNIK, 1986). Para estes a segregação é uma função produzida pela economia subjetiva capitalística.

Para Foucault (2014) é necessário abandonar os elementos que na ordem do discurso podem se apresentar nas relações de poder como mecanismos negativos de rarefação. Esses mecanismos desencadeiam procedimentos de controle que se articulam nas relações sociais, e passam para o interior do corpo. Por outro lado, esse modelo de mecanismo de poder atravessa, também, os dispositivos discursivos no campo das raças dominadas como inferiores.

Bento (2014) relata que o comportamento e atitudes vividos nas relações sociais contribuem para a construção da identidade. Assim, “as atitudes e comportamentos sociais desenvolvidos, cuja a interiorização deixa marcas invisíveis no imaginário e nas representações coletivas. Marcas essas que interferem nos processos de identificação individual e de construção da identidade coletiva”, (BENTO 2014, p.11). Devido a essa realidade observa-se a urgência de desenvolver nas escolas trabalhos pedagógicos e projetos engendrados no Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, já que esse trabalho vai reverberar nos modos de construção da identidade e da subjetividade dos jovens negros.



A violência racista gera desconforto e deixa registros de experiências e sentimentos negativos na esfera psíquica e emocional do indivíduo. Segundo Souza (1983), a violência racista interfere negativamente no desenvolvimento das potencialidades, da criatividade, beleza e prazer, que a pessoa é capaz de produzir. De acordo com Bento (2014) é importante um grupo viver experiências simbólicas e matérias positivas para manter a autoestima, o autoconceito de si fortalecido, isso porque a imagem que temos de nós próprios vai ser interferida pela imagem que temos do nosso grupo. Devido a isso, é importante pesquisar e identificar na atualidade os elementos positivos que vêm contribuindo no exercício cotidiano de ressignificar a imagem afirmativa dos estudantes negros.

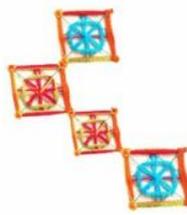
Nesse campo de forças é que são formadas as potencialidades das identidades singularizadas, assim os gritos presos e oprimidos dos jovens negros são movidos a saírem das cadeias fechadas pelas representações dos discursos do colonizador, e, assim encontrar novas formas de se movimentar criticamente na comunidade escolar. Nessa perspectiva, forma-se o caminho de reexistência e luta ao racismo e ao suicídio.

RELAÇÕES ÉTNICOS -RACIAIS NA ESCOLA: AÇÃO DE REEXISTÊNCIA

O tema diversidade cultural necessita ser mais discutido e explorado com precisão na escola. A exposição e aplicação da temática sobre estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na dinâmica do fazer escolar, por parte do trabalho pedagógico e de toda a gestão, envolve um desafio contemporâneo. A discussão sobre cultura africana na escola ainda é um trabalho com pouca visibilidade.

O estudo envolvendo as relações étnicos-raciais em sala de aula favorece para um campo de maior visibilidade sobre a verdadeira história cultural do povo negro e toda problemática presente nesse cenário, para assim apontar novos caminhos e olhares a respeito do trabalho envolvendo diversidade cultural (LIMA, 2015). O desafio de abordar o tema relações étnicos-raciais no ambiente escolar é um assunto complexo na dinâmica cotidiana dos profissionais em educação. A falta de formação acadêmica e continuada dos professores sobre o tema relações raciais é uma problemática que envolve uma cadeia estrutural que perpassa por políticas de formação individual e coletiva dos sujeitos envolvidos na comunidade escolar (LIMA, 2015).

A aplicação do tema relações étnicos-raciais na escola conduz para o fortalecimento de ações afirmativas realizadas no dia-a-dia dos alunos (as), que repercutem na fomentação de políticas públicas estratégicas e críticas para fins positivos dentro e fora da escola. Esses jovens



se recriam a partir do momento em que se engajam e produzem movimentos culturais dentro e fora da escola, ou seja, nas comunidades locais, numa configuração de enfretamento e pela luta de igualdade e equidade de direitos. Gomes atesta que “a melhor forma de superar a situação é reconhecer a existência do racismo e adotar uma postura política e pedagógica que vise a sua superação”, (GOMES, 2008. p. 98).

A criatividade e as ações de superação construídas de saberes reformulados e demarcados em forma de luta e enfrentamento, frente a essas estruturas impostas pelo poder central, são caminhos construídos por atos de reexistência. O combate contra a violência racista adentra esse cenário como um organismo vivo para reparar a segregação e separação das diferenças. É preciso “reexistir em um contexto social, político e econômico que nos oprime cotidianamente exigindo reposicionamentos de nossos lugares de atuação, de proposição e de ação política na qual a linguagem tem papel fundamental”, (SOUZA, 2018, P.1).

O contexto escolar vem sendo esse lugar de produção de reexistência, no qual as vozes marginalizadas seguem e ganham visibilidade, ao expressar através da cultural local algumas armas de combate contra aos mecanismos de controle e manipulação do sujeito. Para Lúcia Souza a concepção de letramentos de reexistência é;

Os letramentos de reexistência, mostram-se singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discurso já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal, (SOUZA, 2009. p.32).

Nesse sentido, a concepção de letramentos de reexistência segundo os estudos de Ana Lúcia é “como uma reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não”. (SOUZA, 2009. p.33).

As narrativas das experiências e vivências diante das relações étnicos-raciais vividas no dia-a-dia dos jovens negros na comunidade escolar se posicionam como mecanismo de superação diante dos desafios e das marcas do racismo estrutural e institucional engendradas nas estruturas sócio-históricas econômicas, culturais e políticas delineadas nos signos, códigos linguísticos e comportamentos do indivíduo.

As políticas públicas se apresentam como instrumento de apoio para possibilitar mecanismos de acessos às condições favoráveis de singularização dessa cultura local na



comunidade escolar. Para Rubim (2007, p. 185) o “Estado continuou sendo pouco atento à cultura”. Assim, as políticas públicas eram tratadas como um privilégio, em uma sociedade de alta exclusão social, ou como um ornamento. Logo, “as políticas públicas dão substrato democrático para a viabilização de políticas de Estado, que transcendendo governos possam dar ao campo cultural políticas nacionais mais permanentes” (RUBIM, 2007. p.196).

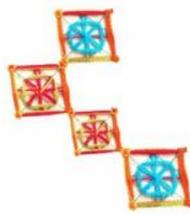
RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola torna-se um lugar de encontros das diferenças, e assim meio pelo qual os alunos negros buscam criar e fomentar condições para discutir e se empoderar dessas diferenças de maneira positiva no cenário social, político e cultural. Desse modo, os movimentos sociais, as manifestações culturais, os debates sobre diversidade cultural, o desenvolvimento de projetos multidisciplinares são alguns caminhos de reexistência ao racismo e suicídio no espaço escolar.

Nessa perspectiva, os alunos negros do Colégio Polivalente no interior da Bahia apresentam uma dinâmica ativa em projetos culturais; esse tipo de trabalho ajuda no desenvolvimento da autoestima, na estrutura psicossocial, afetiva e emocional. Conseguir ver na cultural local forma de ressignificar a história de vida política e social é de extrema relevância. Segundo Hall (2003, p.263) a capacidade de constituir classes e indivíduos enquanto força popular – esta é a natureza da luta política e cultural: transformar as classes divididas e os povos isolados – divididos e separados pela cultura e outros fatores – em uma força cultural popular democrática.”.

No Colégio Estadual Polivalente ocorre há alguns anos a manifestação cultural da passeata dos cabelos crespos pelas ruas do município, os alunos fazem visitas a outros colégios e escolas da cidade com a finalidade de convidá-los a participarem do movimento afirmativo, político e social negro. Assim, essa passeata é seguida por desfiles, construções de cartazes críticos, debates nas ruas da cidade realizadas no mês de novembro pelos jovens negros.

A passeata dos cabelos crespos é uma das formas de criticar e refletir sobre a violência racista e de morte e seus efeitos na esfera psíquica, afetiva e emocional dos jovens. Essa passeata tem como meta apresentar os descontentamentos diante dos modelos de agenciamentos e das imagens simbólicas da branquitude que promovem vários tipos de sofrimento psíquico nesse público. No cotidiano escolar, o universo psíquico desses jovens negros é atravessado por tantos problemas e desafios de ordem diversas, que os mesmos buscam repensar mecanismo de



luta através de novas formações discursivas. Nesse contexto Hall expõe que “Naturalmente, a luta cultural assume diversas formas: incorporação, distorção, resistência, negociação, recuperação”. (HALL, 2003. p. 259).

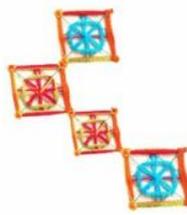
O projeto interdisciplinar desenvolvido no Colégio Polivalente no interior da Bahia possibilita às meninas e meninos negros, através de suas narrativas de resiliência de vida expor suas narrativas, vivências e experiências culturais, suas histórias de vida, seus sofrimentos, as marcas da violência simbólica, e, assim a literatura menor toma lugar de expressão de manifestos de empoderamento na comunidade escolar.

As narrativas escritas por esses jovens negros, através de cordéis, peças teatrais e outras formas de expressão do seu “mundo individual e coletivo”, também, entram na configuração da literatura menor, utilizadas como meio de produção, já que os livros e trabalhos produzidos são vendidos ao longo da culminância do projeto. Assim, essas atividades envolvem a atmosfera desses jovens de maneira criativa e positiva, ao ponto de promover maior visibilidade e construção da autoestima e autoconhecimento de si.

Através dessas ferramentas se elabora formas de repensar planos de ataques para lutar contra os desafios expostos na vida desses jovens, como o racismo, suicídio e outros problemas sociais que promovem o aumento da desigualdade e do preconceito racial. Nesse cenário de luta, esses jovens vêm utilizando o ambiente escolar como lugar e mecanismo de reexistência contra ao aumento das taxas de suicídio. Os jovens negros direcionam os seus olhares para ressignificarem o seu contexto social através da apreensão das armas do conhecimento e reconhecimento sobre a verdadeira história cultural do povo negro.

CONSIDERAÇÕES

Os embates entre os temas racismo e suicídio e seus efeitos na vida dos jovens negros no país são armas significativas de lutas. Repensar a construção de armas potentes que estejam acessíveis aos estudantes negros no espaço da escola pública, já configura um caminho de reexistência contra os modelos de manipulação e dominação individual e coletiva do seu mundo psíquico. A valorização da aplicação da temática diversidade cultural no ambiente escolar é uma dessas armas acessíveis. Por meio delas os alunos podem se aproximar e reconhecer suas verdadeiras histórias de vida política, cultural e social, por exemplo, perpassar pela história do



povo negro. Discorrer sobre a temática estratégias de reexistências ao suicídio na vida dos jovens negros é investigar quais caminhos rizomáticos estes vêm construindo em suas artes de existir e viver, frente ao movimento desse tema racismo e suicídio da população negra para uma ampla discussão crítica e reflexiva nos meios de comunicação.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** B. H. (MG): Letramento, 2018.

BENTO, Maria Aparecida S. & CARONE Iray. **Psicologia Social do racismo:** Estudos sobre Branquitude e branqueamento no Brasil. Ed. Vozes. 6 ed. Petrópolis Rio de Janeiro; 2014.

BOTEGA, José N. Crise Suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed. 2015. IBGE. (2017). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Algumas características da força de trabalho por cor ou raça.** Rio de Janeiro.

BOTEGA, José. Neury. **Comportamento suicida: epidemiologia** (2014) volume 25 I número 3 I 231-236. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>. Acesso em 09/09/2019

CULLER, Jonathan. **Literatura e Estudos Culturais.** In. *Teoria Literária: uma introdução.* Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Porto: Orgal, 1980. Editora EDUFBA

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção,** Editora Pallas, São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: 2000.

FOUCAULT, Michel. As relações de poder passam para o interior dos corpos. O Sujeito e o poder. Michel Foucault, uma Entrevista: Sexo, Poder e a Política da Identidade. In: **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Ditos e Escritos IX.** Organizador Manoel Barros da Motta. Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 35-43; 118-140; 249-263.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial:** Por um projeto educativo emancipatório. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/TESTE/Desktop/127-555-1-PB%20\(1\)nilma-gomes-rela%C3%A7oes%20eticos%20raciais.pdf](file:///C:/Users/TESTE/Desktop/127-555-1-PB%20(1)nilma-gomes-rela%C3%A7oes%20eticos%20raciais.pdf) acesso em 10-01-2020

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Subjetividade e história.** In. *Micropolítica: Cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 1986.

Guia intersetorial de Prevenção do Comportamento suicida entre Crianças e adolescentes, 2019. Rio Grande do Sul. Disponível em; <https://univirtua.com.br/wp-content/uploads/2019/09/26173730-guia-intersectorial-de-prevencao-do-comportamento-suicida-em-criancas-e-adolescentes-2019.pdf>. Acesso em: 20/08/2019



HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do popular.** In. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: EFMG, 2006.

IBGE. (2017). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Algumas características da força de trabalho por cor ou raça.** Rio de Janeiro.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Relações étnico raciais na escola: o papel das linguagens.** 1. ed. Salvador: EDUNEB, 2015. 134 p. v. 1.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica.* Temáticas. Arte & Ensaios. nº 32 revista do ppgav/eba/ufrrj. Trad. Renata Santini. Dezembro de 2016.

MARCONI. M. A; LAKATOS, E. M. - **Fundamentos de metodologia científica.** 6.ed., São Paulo, Atlas, 2010. 288p.

Ministério da Saúde - Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016, Brasília DF. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 10/03/2019.

_____, Organização Mundial da Saúde, Universidade Estadual de Campinas. **Prevenção do Suicídio: Um Manual para Profissionais da Saúde em Atenção Primária,** 2006. [acesso em outubro de 2019]. Disponível em: https://www.cvv.org.br/wpcontent/uploads/2017/05/manual_prevencao_suicidio_profissionais_saude.pdf

MOORE. Carlos. **Racismo e sociedade:** Novas bases epistemológicas para entender o racismo. B.H. 2007.

OLIVEIRA, Regina M. de S. **Identidade de Jovens Negros nas periferias das metrópoles entre São Paulo e Paris.** Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2008.

OLIVEIRA, Saulo Veiga, & Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos,** 2008.

RUBIM, Antônio Canelas. **Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos.** In.: RUBIM, Antônio Canelas e BAYARDO, Rubens (orgs). *Políticas culturais na Ibero-América.* Salvador: EDUFBA, 2008. pp.51-74.

SOUZA, Ana Lúcia S. JOVINO, Ione S., MUNIZ, Kassandra S., Revista da ABPN - v. 10, Ed. Especial - **Caderno Temático: Letramentos de Reexistência.** Janeiro de 2018, p.01-11.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência:** culturas e identidades no movimento hip-hop / Ana Lúcia Silva Souza. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SOUZA. Neusa Santos. **Tornar-se Negro.** Editora Graal, Rio de Janeiro; 1993.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2016:** homicídios por armas de fogo. Brasília.